

## Uso de metilfenidato por estudantes universitários

Bruna Regina Paiva Vaz<sup>1</sup>; Filipe Lustosa Rege Botelho<sup>1</sup>; Jean da Silva Lourenço<sup>1</sup>; Matheus Nabih Damascena Esper<sup>1</sup>; Victória Maria Farias Torres<sup>1</sup>; Raphael Rocha de Oliveira<sup>2</sup>.

1. Discente do curso de Medicina do Centro Universitário UniEVANGÉLICA.
2. Docente curso de Medicina do Centro Universitário UniEVANGÉLICA.

**RESUMO:** Metilfenidato é uma substância psicoestimulante do Sistema Nervoso Central, que regula a liberação de dopamina em um local do cérebro. É principalmente usado por jovens e adolescentes diagnosticados com TDAH e sofreu uma explosão tanto em sua produção como consumo no Brasil nos últimos anos. O objetivo do estudo é analisar e discutir artigos, datados entre 2012 e 2019, que abordam o uso crescente e indiscriminado de metilfenidato entre os brasileiros, principalmente por estudantes. Trata-se de uma revisão de literatura que buscou girar em torno de um questionamento “O metilfenidato é usado de forma irresponsável?”, utilizando o PubMed, Scielo e o Google Acadêmico como base de dados para a seleção dos artigos. Dentre os resultados, foram selecionados 5 artigos que apontaram para o uso de metilfenidato por pessoas saudáveis, principalmente estudantes universitários que, em sua maioria, buscavam neuroaprimoramento. Foi observado ainda, certa facilidade para a obtenção do medicamento de forma ilícita ou até mesmo por falhas da averiguação e diagnóstico do TDAH. Assim, conclui-se que o presente estudo atingiu a constatação de que os universitários são o perfil que mais abusa irresponsavelmente do metilfenidato para obter sucesso acadêmico. Além disso, conseguiu-se observar que o teste utilizado para o diagnóstico do TDAH possui certa taxa de equívoco, levando a pessoas saudáveis a consumir erroneamente o medicamento. Finalmente, foi possível identificar falhas na vigilância da comercialização do medicamento, já que o medicamento foi obtido ilegalmente com certa facilidade, segundo os dados obtidos.

**Pala-  
vras-  
chave:**  
Ritalina.  
Trans-  
tornos  
de Défi-  
cit de  
Atenção  
com hi-  
perativi-  
dade.  
Uso off-  
label.  
Medicali-  
zação.

## INTRODUÇÃO

Primeiramente, o metilfenidato é uma substância estimulante do sistema nervoso central, que inibe a liberação de dopamina em uma área específica do cérebro (ELENE et al., [s.d.]). Seus efeitos e mecanismos de ação ainda não foram totalmente descobertos, porém é usado principalmente em crianças e adolescentes para tratamento de TDAH e, com menos expressão, narcolepsia, e outros transtornos. Este medicamento é estruturalmente relacionado com as anfetaminas e Ritalina é o nome comercial principal usado, tendo também outros nomes. No Brasil, houve uma explosão de fabricação e consumo nos anos 2000, sendo que esse fenômeno, não necessariamente esteve relacionado com o aumento de casos de TDAH ou outro transtorno, mas, provavelmente, com o fato de estudantes saberem dos efeitos que o remédio causa, e o usarem para um aprimoramento escolar (ANDRADE et al., 2018). Junto a isso, soma-se o tráfico da Ritalina nos ambientes escolares e acadêmicos e a prescrição de receita pelos médicos, sem que estes pesquisem se o indivíduo tem algum transtorno específico. Em certas universidades, por exemplo, a maioria dos estudantes fazem uso do medicamento sem a prescrição médica (CÂNDIDO et al., 2019). Muito já se sabe sobre os efeitos colaterais a curto e longo prazo que o consumo do medicamento por pessoas saudáveis pode causar, sendo isso, a preocupação de muitos profissionais como possível problema de saúde pública no futuro.

Tendo em vista o colocado anterior, esse estudo visa avaliar artigos científicos publicados entre os anos de 2010 e 2020 que analisa o crescente e indiscriminado uso de metilfenidato na sociedade brasileira, com enfoque nos estudantes e a associação desse medicamento com o TDAH.

## METODOLOGIA

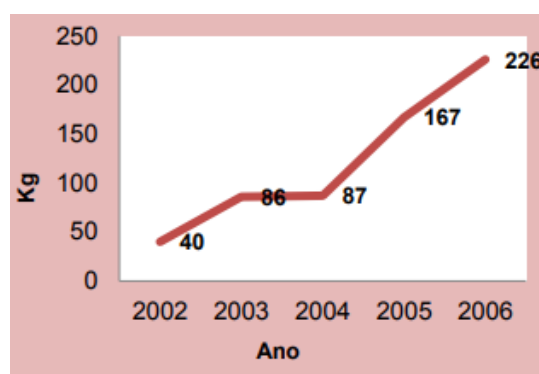
Para a realização desta revisão bibliográfica, utilizamos como banco de dados on-line o PubMed, Scielo e o Google Acadêmico. Como critérios para a inclusão dos artigos utilizou-se: aqueles com o idioma em português, artigos que tivessem depois de 2012, artigos que pudesse relatar as circunstâncias regionais dos pesquisadores, que contivessem os seguintes descritores em ciências da saúde (DeCS): Transtornos de Déficit de Atenção com hiperatividade, metilfenidato, medicalização, prevalência, uso off-label, inteligência, ainda sobre a escolha do artigo utilizou-se o operador lógico de booleano AND, em que vincula a relação ritalina e metilfenidato. Foram adotados como critérios de exclusão a estudos que não atendessem os critérios de inclusão mencionados.

Por fim, 5 artigos foram selecionados para leitura e fichamento, sendo que esses artigos apontavam para pessoas saudáveis, especialmente por estudantes de faculdades cujo objetivo era o neuroaprimoramento. Dentre os 5 artigos encontrados, temos um de qualis A1, um de qualis B3 e três de qualis B4. O período de publicação dos artigos ficou compreendido entre 2012 e 2019.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base no estudo de Andrade et al., em 2018, houve um crescimento exponencial da produção anual da Ritalina no Brasil, já que, em 2002, 40kg/ano eram produzidos e, em 2006, esse número saltou para 226 kg/ano. A figura 01 retrata, através de um gráfico, esse salto na produção do metilfenidato no Brasil. Consequentemente, esse aumento exacerbado na fabricação do fármaco está intimamente relacionado com o uso do medicamento por pessoas com TDAH e, principalmente, o uso irresponsável por pessoas saudáveis, com a intenção de melhora na produtividade e desenvolvimento profissional (ANDRADE et al., 2018). Assim, essa busca incessante pela melhora do desempenho profissional, sobretudo, acadêmico é a preocupação de quase 60% dos estudantes universitários que realizam o uso ilícito de psicoestimulantes, incluindo o metilfenidato (CÂNDIDO et al., 2019). Entretanto, esse estudo se limita ao não retratar quais são os cursos superiores mais afetados pelo uso indiscriminado e banal da Ritalina, apesar de ressaltar que a prática é mais recorrente em cursos da área de exatas e humanas.

**Figura 01.** Produção de metilfenidato no Brasil



**Fonte:** Andrade et al. (2018)

Em relação ao mecanismo de ação do metilfenidato, o fármaco age no sistema nervoso central (SNC) aumentando a liberação dos neurotransmissores (noradrenalina e dopamina) e, assim, a resposta das sinapses (ELENE et al., [s.d.]). Entretanto, esse mecanismo não é completamente conhecido, decorrente da carência de estudos sobre esse assunto (SILVA et al., 2012). Dessa forma, torna-se ainda mais preocupante o uso do metilfenidato, sobretudo por pessoas saudáveis, em virtude do enorme consumo e do ínfimo conhecimento sobre a ação do medicamento no organismo (SILVA et al., 2012). Além disso, existem preocupações acerca dos efeitos colaterais do medicamento, no sistema gastrointestinal é possível notar boca seca, falta de apetite e dor no estômago; no sistema cardiovascular, hipertensão, taquicardia, arritmia e até parada cardíaca; e no sistema endócrino, alteração na secreção dos hormônios sexuais e diminuição da secreção do hormônio do crescimento (GH), o que pode afetar o desenvolvimento de crianças que fazem o uso do metilfenidato (ANDRADE et al., 2018).

Segundo os mesmos autores, a associação do TDAH com o metilfenidato foi um dos fatores principais para a popularização do medicamento, tanto no diagnóstico quanto no tratamento. Entretanto, explicam que cerca de 63,8 % dos estudantes que fazem uso de ritalina não possuem prescrição médica para o consumo, e que adquirem o medicamento com facilidade. O estudo aborda ainda que muitos estudantes acreditam na melhora da capacidade cognitiva no uso da ritalina. Assim sendo, dos indivíduos que possuíam receitas médicas, a maioria (71,42%) não eram diagnosticados com TDAH e solicitavam ao médico a prescrição do medicamento para conseguir melhora no desempenho acadêmico (CÂNDIDO et al., 2019).

Segundo Andrade et al. (2018), esse uso cada vez mais frequente de metilfenidato, associado ao fácil acesso à droga pela internet, vem preocupado os profissionais de saúde, pelas consequências em seu uso. Esses prejuízos incluem, fundamentalmente, a dependência química e síndrome de abstinência a partir da interrupção brusca no uso do fármaco, além de insônia, sonolência, surtos psicóticos, alucinações, piora na atenção e na cognição até mesmo o suicídio. Também é comum o aparecimento do “efeito zumbi”, no qual o indivíduo perde a capacidade crítica e se apresenta em uma sensação de irre realidade (ANDRADE et al., 2018).

A partir dos resultados obtidos, através do estudo do Cândido et al. do ano de 2019, é possível afirmar que o metilfenidato é usado de forma irresponsável pela maioria, já que mais de 50% dos estudantes universitários fazem o uso sem possuírem prescrição médica para o consumo do fármaco. Ademais, a universidade como um ambiente que requer alto nível de trabalho e dedicação dos estudantes torna-se um espaço extremamente competitivo, em que os indivíduos buscam uma excessiva produtividade e a tentativa de ir além dos seus limites físicos e mentais, assim, os universitários procuram por substâncias que possam garantir essa eficiência acadêmica (FINGER; SILVA; FALAVIGNA, 2013). Devido esse ambiente exigente e da busca por aprimoramento, que 79% (n=2765) dos estudantes de uma universidade pública nos EUA, que fazem o uso não prescrito do metilfenidato começaram a usá-lo durante a faculdade (TETER et al., 2003).

Além do mais, o mecanismo de ação do fármaco é comprovado por outros estudos, em que demonstram que o metilfenidato inibe a recaptação de dopamina e noradrenalina na fenda sináptica, o que leva a uma melhor concentração e coordenação motora por meio da elevação o estado de alerta e mecanismos excitatórios do cérebro (CÂNDIDO, 2020).

## CONCLUSÃO

Com este estudo, atingiu-se o objetivo de analisar e confirmar o uso crescente e indiscriminado de metilfenidato no Brasil , e identificar o perfil dos cidadãos “saudáveis” que consomem esta droga, permitindo, dessa forma, respaldar políticas e traçar estratégias para contornar esse problema de Saúde Pública, que se torna cada vez maior com o passar dos anos.

Os resultados obtidos nesse estudo convergem para a constatação do público universitário como o alvo da necessidade de conscientização, trazendo à tona os prejuízos e os riscos que o uso irresponsável desse medicamento pode trazer, tanto a longo como a curto prazo.

Em suma, conclui-se que os passos a serem dados pelo Brasil para combater esse problema de saúde pública são largos e de prioridade iminente. Recomenda-se a realização de mais estudos que abordem o efeito desta droga em pacientes que fizeram o uso errado e inadvertido ao longo dos anos para se detectar quantitativamente a probabilidade de se desenvolver patologias crônicas e, dessa forma, alicerçar dados mais precisos para mitigar o impacto do metilfenidato na sociedade brasileira.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, S. et al. Ritalina, uma droga que ameaça a inteligência. **Revista de Medicina e Saúde de Brasília** v. 7, n. 1, 2018.

CÂNDIDO, R. C. F. et al. Prevalência e fatores associados ao uso de metilfenidato para neuroaprimoramento farmacológico entre estudantes universitários. **Einstein (São Paulo)**, v. 18, n. 1, p. 1–7, 2020.

CARNEIRO, S.M. et al. O uso não prescrito de metilfenidato entre acadêmicos de medicina. **Cadernos UniFOA**, v. 8, n. 1 (Esp.), 2013.

DOMITROVIC, N.; CALIMAN, L. V. As Controvérsias Sócio-Históricas Das Práticas Farmacológicas Com O Metilfenidato. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, n. 0, p. 1–10, 2018.

ELENE, J. et al. O uso off label de metilfenidato entre estudantes de medicina para aprimoramento do desempenho acadêmico. **Comunicação em Ciências da Saúde**, v. 30 n. 01, 2019

FINGER, G.; SILVA, E. R.; FALAVIGNA, A. Use of methylphenidate among medical students: a systematic review. **Rev. Assoc. Med. Bras.**, São Paulo, v.59, n.3, p.285-289, 2013.

SILVA, A. et al. A explosão do consumo de Ritalina. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 11, n. 2, p. 44–57, 2012.

TETER, C. et al. Illicit methylphenidate use in an undergraduate student sample: prevalence and risk factors. **Pharmacotherapy, Boston**, v. 23, n. 8, p. 609-617, 2003.